

O MÉTODO DE APRENDIZAGEM DA PEDAGOGIA EXPERIENCIAL COMO RECURSO EM TERAPIA OCUPACIONAL NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Juliana de Fátima da Silva,¹ Tatiana Beatriz Tomazini² ,

Viviane Santalucia Maximino³

1- Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), discente do curso de Terapia Ocupacional, Faculdade de Ciências da Saúde, e-mail: julianahjuh@yahoo.com.br

2- Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), discente do curso de Terapia Ocupacional, Faculdade de Ciências da Saúde, email: tati_tomazini@yahoo.com.br

3- Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), docente do curso de Terapia Ocupacional, Faculdade de Ciências da Saúde, e-mail: vivimax@univap.br

Resumo- Pedagogia Experiencial é um processo de co-educação ao ar livre, através do qual o participante é orientado a viver experiências de resolução de problemas, fora de seu ambiente cotidiano em um trabalho individual ou em grupo. São propostos aos participantes, desafios em forma de resolução de problemas, a serem superados, visando preparar o ser humano para a vida. Terapia Ocupacional é um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, que utiliza tecnologias orientadas para a autonomia de pessoas que apresentem dificuldades na inserção e participação na vida social. As intervenções dimensionam-se pelo uso de atividades dentro de diversos contextos metodológicos. Sendo assim o objetivo desse trabalho é apresentar o método de aprendizagem da Pedagogia Experiencial como um recurso facilitador em Terapia Ocupacional. Este trabalho baseia-se em revisão bibliográfica e relato de vivências de trabalhos realizados pelas pesquisadoras. Através das vivências em Pedagogia Experiencial pode-se observar mudanças de comportamento, indicando que este método pode vir a contribuir para as intervenções em Terapia Ocupacional no processo de desenvolvimento humano.

Palavras- Chave: Pedagogia Experiencial, Terapia Ocupacional, Desenvolvimento Humano

Área de Conhecimento: VI - Ciências da Saúde

Introdução

Pedagogia Experiencial é um processo de co-educação ao ar livre, através do qual o participante é orientado a viver experiências de resolução de problemas, fora de seu ambiente cotidiano em um trabalho individual ou em grupo. São propostos aos participantes, desafios em forma de resolução de problemas, a serem superados, visando preparar o ser humano para a vida (EXETER, 2001). Terapia Ocupacional é um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que, por razões ligadas a problemáticas específicas (físicas, sensoriais, psicológicas, mentais e/ou sociais) apresentem, temporária ou definitivamente, dificuldades na inserção e participação na vida social. As intervenções em Terapia Ocupacional dimensionam-se pelo uso de atividades, elemento centralizador e orientador na construção complexa

e contextualizada do processo terapêutico (USP, 1997).

Considerando que a população alvo da Terapia Ocupacional necessita aprender a utilizar suas capacidades e habilidades para superar suas dificuldades, o objetivo desse trabalho é apresentar o método de aprendizagem da Pedagogia Experiencial, Sendo que através de sua metodologia, estimula-se as pessoas a desenvolverem habilidades e potenciais que refletem também em sua vida social, espera-se que o mesmo possa ser um recurso que contribua e facilite as intervenções em Terapia Ocupacional.

Princípios da Pedagogia Experiencial

O conceito de Educação Experiencial ao ar livre surgiu no sul da Alemanha numa escola liberal e inovadora. Em 1920, no final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi devastada economicamente, humilhada pela forte pressão do

poder dos países europeus e estava à beira de uma anarquia. Foi então que *Kurt Hanh* assessor do príncipe *Max Von Badem*, juntos compartilharam o entusiasmo para o desenvolvimento de uma maneira de educar e instruir jovens para a vida. Fundaram uma escola estruturada em um processo co-educacional, onde os jovens passavam período integral, na parte da manhã aprendiam o conteúdo teórico e à tarde o aprendizado era reforçado através de vivências ao ar livre. Após a Segunda Guerra Mundial esta prática criou a *Outwad Bound*, uma escola para jovens se desenvolverem em ambientes naturais. Esta idéia cruzou o Atlântico, sendo adaptada e utilizada com adolescentes nos EUA. A partir dos anos setenta, surgiram programas que utilizam esta metodologia e atualmente fazem parte do currículo de algumas escolas de ensino médio. Desde então o movimento espalhou-se cada vez mais e hoje em dia a educação experiencial é utilizada nas mais diferentes áreas: educacional, terapêutica e organizacional.

A Pedagogia Experiencial utiliza propostas de atividades que retire um grupo de pessoas do seu ambiente cotidiano. Atividades ao ar livre proporcionam um contexto novo para observar e analisar o novo meio ambiente, assim como processos de tomadas de decisão e comunicação dentro do grupo. São propostos aos participantes, desafios em forma de resolução de problemas, a serem enfrentados e superados de maneira que exija: coragem, generosidade, imaginação, força de vontade, disciplina, planejamento e respeito ao próximo como a si. Para que as experiências tornem-se efetivas é necessário que as vivências sejam processadas, no sentido de promover mudanças comportamentais; trata-se de um período de análise e discussão após as atividades, que leva os participantes a realizarem mudanças pessoais. É essencial que o indivíduo se perceba cada vez mais capaz e ágil durante as atividades, pois estas vivências abrem horizontes e geram sucessos na vida cotidiana. Para se ter o domínio de qualquer assunto, aprendizado e teoria precisam ser mesclados com experiências particulares. A exposição a um novo ambiente onde se abrem canais adicionais e/ou diferentes de aprendizado é o princípio da educação experiencial. Um programa experiencial que alcance seu objetivo, seja ele a melhoria do trabalho em equipe ou da autoconfiança, necessariamente passa pela melhoria do autoconhecimento dos indivíduos. O autoconhecimento abrange vários sub-conceitos, definindo como a pessoa se percebe em relação a si mesma e ao mundo em sua volta.

As zonas de aprendizagem da Pedagogia Experiencial são distribuídas por três situações: Zona de Conforto: a zona de conforto desenvolvida por Tuson (1994) é o lugar onde

estamos confortáveis, onde a maioria de nós vivemos no cotidiano. A zona de conforto representa para o indivíduo um lugar de segurança, conhecido, familiar, confortável e previsível. Zona de Aprendizagem: a zona de aprendizagem é também chamada zona de esforço e ocorre em ambiente desconhecido e não familiar. Apesar de poder ser desconfortável, é uma zona que oferece suporte e desafios altos. Zona de Pânico: esta zona está em um ambiente fora da zona de conforto, mas que porém, pode gerar apavoramento e ferimentos emocionais.



Figura 1- Esquema do Processo de Aprendizagem da Pedagogia Experiencial

Terapia Ocupacional

Terapia Ocupacional é um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que, por razões ligadas a problemáticas específicas (físicas, sensoriais, psicológicas, mentais e/ou sociais) apresentem, temporária ou definitivamente, dificuldades na inserção e participação na vida social. As intervenções em Terapia Ocupacional dimensionam-se pelo uso de atividades, elemento centralizador e orientador na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico. A população alvo da Terapia Ocupacional necessita aprender a utilizar suas capacidades e habilidades para superar suas dificuldades do cotidiano, a Pedagogia Experiencial através de vivências direcionadas às limitações do dia-dia, pode vir a possibilitar e estimular às pessoas a desenvolverem habilidades e potenciais, que refletem também em sua vida social. Formando um aprendizado através da experiência.

Desenvolvimento

O desenvolvimento é uma progressão ordenada de transformações que ocorre através de estágios complexos e inter-relacionados. Esta progressão pode ser gradual e não mostrar claras demarcações entre os estágios. Então, especialmente durante um período de transição, um indivíduo pode exibir simultaneamente comportamentos ou características de vários estágios seqüenciais. Isso pode ser sucedido por um período estável durante o qual o indivíduo permanece temporariamente ou permanentemente num nível de função, até que tenha dominado o comportamento daquele nível. Este livre nivelamento é visto como uma parte normal do processo de desenvolvimento e aprendizagem (FALCÃO, 1998). Podemos definir aprendizagem como uma modificação relativamente duradoura do comportamento, através de treino, experiência, observação. Se a pessoa treinou, ou passou por uma experiência especialmente significativa mostra-se de alguma forma modificada, podendo demonstrar esta modificação desde que se apresentem condições adequadas, e, além disso mantiver esta mudança por tempo razoavelmente longo – então podemos dizer que houve aprendizagem. Aprendemos a ter atitudes em relação a nós mesmos e aos outros; aprendemos a ser o tipo de pessoa que geralmente somos. O tipo de modificação a que se dá o nome de aprendizagem manifesta-se como uma alteração no comportamento possível antes de o indivíduo ser colocado em uma “situação de aprendizagem” e o comportamento apresentado após esta circunstância. A modificação pode ser, e o é freqüentemente, um aumento de capacidade para alguns tipos de performance. Pode consistir, também, em alteração de disposição, chamada, conforme o caso, atitude, interesse ou valor (MAGNÉ, 1995).

Memória

A memória é a base de todo saber, devendo ser trabalhada e estimulada. O cérebro é dividido por uma fenda em dois hemisférios, que são segmentados em dois lobos. As informações captadas pela visão, audição, olfato, paladar e pelo tato provocam impulsos elétricos e reações químicas em lobos diferentes e não são guardadas da maneira como foram captadas. Elas são fragmentadas, classificadas e hierarquizadas. Quando são oferecidas informações de diferentes naturezas sobre um mesmo conteúdo formará um aprendizado e um conhecimento que poderá durar por toda a vida. Fornecendo imagens, sons, e possibilidade de usar o corpo em movimentos e produzindo emoções, diversas partes do cérebro

serão ativadas quando esse conteúdo precisar ser resgatado, tornando a sua lembrança mais fácil. Os sentimentos regulam e estimulam a formação e a evocação de memórias, fazendo com que estímulos nervosos circulem mais nos neurônios.

Ilustrando

A seguir serão relatadas vivências de trabalhos que foram realizados utilizando-se o método de aprendizado da Pedagogia Experiencial propostos pelas pesquisadoras, ambos em São Francisco Xavier distrito de São José dos Campos.

O primeiro relato trata-se de um trabalho realizado com um grupo de oito “Adolescentes Multiplicadores” com idade entre doze e dezesseis anos atendidos por uma instituição que atende crianças e adolescentes carentes em período parcial ao da escola de ensino regular. A proposta desse trabalho foi de conscientizar esses jovens sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e uso de drogas de uma maneira diferenciada da tradicionalmente utilizada (palestras, vídeos, apresentações teatrais etc...).

As atividades foram realizadas em sete encontros que aconteciam semanalmente utilizando-se ambiente natural ao ar livre da própria instituição. Observou-se um conhecimento bastante superficial por parte do grupo em relação à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e uso de drogas. O grupo demonstrou bastante timidez, pouco conhecimento, machismo e pudor ao falar sobre os assuntos. Foram realizadas atividades de resolução de problemas abordando sexualidade saudável, maturidade, reconhecimento corporal, diferenças de sexos, métodos contraceptivos, maternidade e paternidade, projetos de vida, Doenças Sexualmente Transmissíveis, discriminação, valores, entre outros. Percebeu-se que apesar da informação que os jovens adquiriram em casa, escolas, mídia etc, ainda havia grande falta de conhecimento em coisas simples por parte do grupo em geral. Com o andamento das atividades o grupo passou a se relacionar melhor, comunicando-se mais frequentemente, trabalhando de forma grupal havendo maior envolvimento intelectual, interpessoal e emocional. Segundo depoimentos dos participantes, o método utilizado foi de fácil compreensão e assimilação, pois os desafios os envolveram de forma como se estivessem em situações reais, inspirando-os a enfrentá-los, e descobrindo seus próprios potenciais; além de que sempre lembrarão das vivências no cotidiano.

A segunda vivência refere-se a um grupo de cinco meninas com idade entre dez e treze anos que participaram de um programa de desenvolvimento de jovens através da Pedagogia Experiencial. As participantes ficaram imersas em

um período de sete dias. Nos três primeiros realizou-se uma série de exercícios de resolução de problemas com o objetivo de trabalhar liderança, confiança, planejamento, disciplina entre outros valores. No quarto dia o grupo planejou uma expedição após uma instrução sobre orientação por mapas e bússola. Traçaram uma rota, decidiram sobre alimentação, materiais necessários, locais de acampamento, percurso, horários etc. Dividiu-se o grupo em dois, sendo um responsável por separar alimentos e materiais, e outro por traçar o plano de navegação, em seguida apresentaram aos instrutores que os fizeram refletir sobre a organização, se era conveniente ou não para a expedição. Durante a experiência as participantes vivenciaram o poder de um líder (positivo ou negativo), a importância do trabalho em grupo, comprometimento, amizade, respeito, responsabilidade e trocas de conhecimento.

Discussão

Com base nas observações, relato dos participantes e análise das vivências vimos que os resultados alcançados em ambas as experiências demonstram que houve uma modificação, alteração no comportamento antes de o indivíduo ser colocado na situação de aprendizagem e o comportamento apresentado após esta experiência. Modificação esta, que abrangeu aumento de capacidade para alguns tipos de desempenho e também alteração de disposição, chamada, conforme o caso, atitude, interesse ou valor. Esse resultado obtido, deve-se ao fato de que quando são oferecidas informações de diferentes naturezas sobre um mesmo conteúdo forma-se um aprendizado e um conhecimento que pode durar por toda a vida. Fornecendo imagens, sons, e possibilidade de usar o corpo em movimentos e produzindo emoções, diversas partes do cérebro são ativadas quando esse conteúdo precisar ser resgatado, tornando a sua lembrança mais fácil e havendo o processo de aprendizagem.

A população alvo da Terapia Ocupacional, devido a problemáticas específicas apresenta dificuldades em exercer atitudes de autonomia, independência e participação na vida social. Sendo assim, o processo de resolução de problemas proposto pela Pedagogia Experiencial, voltados para o cotidiano desses indivíduos, como visto nos exemplos acima citados, teoricamente,

pode minimizar as dificuldades encontradas por essa população.

Conclusão

Apesar da população observada nos exemplos não serem especificamente a população alvo da Terapia Ocupacional, o relato após as vivências indicou que a experimentação dos desafios e posterior processamento foram estratégias úteis e eficaz para mudanças comportamentais e de desenvolvimento. Considerando que o uso de atividade em Terapia Ocupacional tem como uma das funções proporcionar experimentação protegida para aqueles que apresentem dificuldades devido a problemáticas, concluímos através da pesquisa realizada que o método de aprendizagem proposto pela Pedagogia Experiencial pode vir a contribuir e complementar as intervenções com a população alvo em Terapia Ocupacional.

Uma segunda etapa do trabalho implica em utilizar a Pedagogia Experiencial na população alvo para posterior verificação de sua eficácia.

Referências

- FALCÃO, G.M. Psicologia da Aprendizagem, 4 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- GAGNÉ, R.M. Como se realiza a Aprendizagem. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Científicos, 1995.
- EXETER, D.J. Learning in the Outdoors, 12 ed. London: Copyright © Owtward Bound Trust, 2001.
- A REVISTA DO PROFESSOR-NOVA ESCOLA,n. 163. ed: São Paulo: Ed. Abril, 2004.
- FINGER, J. A. O Terapia Ocupacional. Ed. São Paulo: Ed. Sarvier, 1986.
- BARBOZA, M. N. Ensinar atividades: Uma arte de terapeutas ocupacionais. ed. São Paulo: Ed. Usp/IP, 1996.
- HAGEDORN, Rosemary, R. V. Fundamentos para a prática em terapia ocupacional. ed. São Paulo: Ed. Dynamis, 1999.
- BRIGGS, A.K.D. et al. Perguntas e respostas de terapia ocupacional psicossocial. ed. São Paulo: Ed. Manole, 1987.
- Eco Sistema: <http://www.ecosistema.org/>. Acesso em 20 maio 2006.